

**EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE NA REVISTA
CORPOCONSCIÊNCIA: APONTAMENTOS A PARTIR DE GÊNERO,
RAÇA/ETNIA E DEFICIÊNCIA**

**PHYSICAL EDUCATION AND DIVERSITY ON THE
CORPOCONSCIÊNCIA JOURNAL: APPOINTMENTS FROM GENDER,
RACE/ETHNICITY AND DEFICIENCY**

**EDUCACIÓN FÍSICA Y DIVERSIDAD EN EL PERIÓDICO
CORPOCONSCIÊNCIA: APUNTES A PARTIR DEL GÉNERO,
RAZA/ETNIA Y DISCAPACIDAD**

Viviane Teixeira Silveira

<http://orcid.org/0000-0002-4383-7412> 

<http://lattes.cnpq.br/8762646613709566> 

Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres, MT – Brasil)
vivianeteixeirasilveira@gmail.com

Vitor Hugo Marani

<https://orcid.org/0000-0003-0972-5043> 

<http://lattes.cnpq.br/2961782683090337> 

Universidade Federal de Goiás (Goiânia, GO – Brasil)
vitor.marani@ufg.br

Resumo

Este artigo examina a representação de diversidade na educação física, analisando a produção acadêmica da revista Corpoconsciência, focada em gênero/sexualidade, raça/etnia e deficiência. Os resultados indicam uma cobertura significativa dos temas, com 26 artigos sobre gênero/sexualidade, destacando-se como a temática mais explorada. Raça/etnia segue com 15 artigos, e deficiência com 7, sugerindo que esta última ainda é uma área emergente dentro do campo. O periódico é elogiado por promover discussões que desafiam o entendimento biológico tradicional do corpo, contribuindo para uma perspectiva que discuta os marcadores sociais da diferença na educação física. Apesar dos avanços, o estudo aponta para a necessidade de desenvolver abordagens mais robustas que integrem métodos quantitativos para uma análise mais profunda das interseções entre corpo, cultura e sociedade. Este levantamento destaca o papel vital da revista em fomentar a diversidade nas discussões acadêmicas e reforça a necessidade de estudos a partir de outros temas, a exemplo da interseccionalidade.

Palavras-chave: Corpo; Cultura; Sociedade; Diversidade.

Abstract

This article examines the representation of diversity in physical education, analyzing the academic output of the journal Corpoconsciência, which focuses on gender/sexuality, race/ethnicity, and disability. The findings show significant coverage of these topics, with 26 articles on gender/sexuality, the most explored theme. Race/ethnicity follows with 15 articles, and disability with 7 papers, indicating that the latter is still an emerging area within the field. The journal is praised for promoting discussions that challenge the traditional biological understanding of the body, contributing to a perspective that addresses social markers of difference in physical education. Despite progress, the study highlights the need to develop more robust approaches, integrated with quantitative methods, for a deeper analysis of the intersections between body, culture, and society. This survey emphasizes the journal's vital role in fostering diversity in academic discussions and underscores the need for studies on other themes, such as intersectionality.

Keywords: Body; Culture; Society; Diversity.



Resumen

Este artículo examina la representación de la diversidad en la educación física, analizando la producción académica de la revista *Corpoconsciência*, enfocada en género/sexualidad, raza/etnia y discapacidad. Los resultados muestran una cobertura significativa de estos temas, con 26 artículos sobre género/sexualidad, siendo este el tema más explorado. La raza/etnia sigue con 15 artículos, y la discapacidad con 7, sugiriendo que esta última aún es un área emergente dentro del campo. El periódico es elogiado por promover discusiones que desafían la comprensión biológica tradicional del cuerpo, contribuyendo a una perspectiva que aborda los marcadores sociales de diferencia en la educación física. A pesar de los avances, el estudio señala la necesidad de desarrollar enfoques más robustos que integren métodos cuantitativos para un análisis más profundo de las intersecciones entre cuerpo, cultura y sociedad. Este estudio destaca el papel vital de la revista en fomentar la diversidad en las discusiones académicas y refuerza la necesidad de estudios sobre otros temas, como la interseccionalidad.

Palabras clave: Cuerpo; Cultura; Sociedad; Diversidad.

INTRODUÇÃO

As relações entre a educação física e a tematização da diversidade/diferença, embora frequentemente discutidas no meio acadêmico brasileiro, revelam a complexidade deste campo, que se consolida – a partir de dimensões históricas, sociais e filosóficas – principalmente pela rejeição de indicadores estritamente biológicos na compreensão do movimento humano. Iniciada na década de 1980, essa problemática marca uma ruptura com paradigmas técnico-instrumentais dos modelos pedagógicos tradicionais na educação brasileira, introduzindo novas inquietações sobre o entendimento do corpo e das expressões da fisicalidade humana.

Essa discussão não produz a ideia de que temas relacionados à diversidade e à diferença não estiveram presentes no campo da Educação Física antes da década de 1980, mas direciona a uma concepção de que as categorias delimitadas até então, também tenham sido compreendidas a partir de um viés biológico, como, por exemplo, quando as diferenças sexuais e raciais assumiram posições de destaque nas experiências corporais - no que diz respeito às características biofisiológicas - dos sujeitos no esporte e no lazer. Nos anos 1980, alguns e algumas atletas brasileiros/as negros/as se destacaram em várias modalidades esportivas, contribuindo significativamente para o cenário esportivo nacional e internacional, como João do Pulo e Joaquim Cruz, no Atletismo e a jogadora de futebol Formiga. Já, a visibilidade de atletas LGBTQIA+ brasileiros/as nos anos 1980 era limitada, e uma atleta que deve ser lembrada é a judoca Ednanci Silva. Cabe dizer que, neste período, a visibilidade de atletas LGBTQIA+ era praticamente inexistente no Brasil devido ao forte estigma social e à falta de aceitação, o que fazia com que muitos/as atletas não se sentissem seguros/as para falarem publicamente sobre essas questões. Como resultado, embora tais estudos reconhecessem a diversidade do corpo, muitas vezes tais entendimentos de diferenças contribuíram para a





perpetuação de estereótipos e reforçaram desigualdades ao focar apenas a diversidade como mera ampliação de características biológicas.

Os questionamentos emergentes deste cenário, em nosso entendimento, surgem da chamada “virada cultural”, ocorrida na Educação Física brasileira, momento em que, intensificado o diálogo com as ciências humanas e sociais, novas epistemologias passaram a integrar o debate da produção de conhecimento sobre o corpo na área. Do ponto de vista epistemológico, a abordagem cultural trouxe novas maneiras de conceber a educação física, por meio de aportes metodológicos vindos da Educação, Sociologia, História e Filosofia, além de produzirem, simultaneamente, catalisadoras da “crise epistemológica” na educação física, a qual passa a questionar não só o campo teórico que sustentava intervenções didático-pedagógicas, mas também o próprio objeto de conhecimento da área, ampliando-o, respetivamente, para além das teorias biológicas e do fenômeno esportivo.

Um exemplo dessa ruptura, como destacou Daolio (1998), foi a postura “progressista” adotada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) a partir de 1989, que anteriormente focava nas ciências naturais, levando à polarização entre pesquisadores das áreas social e biológica. Além disso, vários marcos desse exercício reflexivo – apoiado em dimensões culturais – incluíram a criação de espaços em periódicos nacionais para disseminar produções acerca das relações entre educação física e ciências humanas e sociais. Essa indagação, embora difundida na produção de conhecimento, expandiu-se para outros espaços na década de 1990, evidenciando o desejo da comunidade acadêmica de renovar teoricamente a área, buscando novos paradigmas para a intervenção pedagógica e a identidade epistemológica. De acordo com Daolio (2010), surgiram novas terminologias, como 'cultura corporal' (Betti, 1991; Castellani Filho et al., 1992), 'cultura do movimento' (Kunz, 1994) e 'cultura corporal de movimento' (Bracht, 1999), entre outras, que enfatizavam os aspectos socioculturais do corpo e do movimento na educação física.

A partir dessa transformação, novos estudos apoiados no paradigma da diversidade e da diferença cultural começaram a ganhar espaço. Esses estudos reconhecem que as experiências corporais são produzidas - e, ao mesmo tempo, produtoras - por um conjunto complexo de fatores sociais, culturais e históricos, e não apenas por aspectos biológicos (Bracht, 1999; Daolio, 1995; Neira; Nunes, 2008). Por exemplo, nas últimas décadas, a problemática em torno da diversidade e da diferença na educação física brasileira tem sido abordada por diversos pesquisadores/as e, em algumas vezes, pelo viés da interseccionalidade.





Silvana Goellner tem uma relevante produção acadêmica sobre as questões de gênero e corpo na educação física e no esporte. A autora investigou como as construções sociais de gênero influenciam a participação e a experiência dos/as alunos/as nas práticas corporais e esportivas, além analisar a história do esporte no Brasil, entre outras temáticas, com um foco especial nas questões de gênero (Goellner, 2001; 2010; 2013). Wagner Camargo, tem investido nos estudos que envolvem sexualidades, esportes e a Teoria Queer, com o intuito de discutir como os esportes são frequentemente estruturados por normas heteronormativas, que pressupõem a heterossexualidade como padrão e marginalizam outras formas de expressão sexual. Além disso, o autor enfatiza a importância de promover a inclusão e a diversidade nos esportes, não apenas em termos de orientação sexual, mas também em relação a identidades de gênero variadas (Camargo, 2013; 2018; Camargo; Kessler, 2017). Outros pesquisadores, como Marcos Neira e Mário Nunes (2022), também focam no estudo da cultura na educação física pelo viés do currículo, utilizando a teoria dos Estudos Culturais, especialmente as contribuições de Stuart Hall (1998; 2006). Neira e Martins também se debruçam sobre as questões inclusivas, ocupando-se de produzir teorias e metodologias que visam a inclusão de pessoas com deficiência na educação física escolar, pois, para estes autores, as aulas de Educação Física culturalmente orientadas contribuem positivamente para o paradigma da inclusão (Martins; Neira, 2014).

Mais recentemente, temos encontrado produções que se utilizam da interseccionalidade para buscar uma prática pedagógica que ultrapasse os debates em torno do gênero e sexualidade, como forma de romper com estes binarismos. Um exemplo é o texto de Daniela Auad e Leandro Corsino (2018) que traz questões pertinentes à interseccionalidade e ao feminismo aplicados ao contexto da Educação Física dentro das escolas. Auad e Corsino focam na interação entre diferentes categorias de identidade como gênero, raça, classe e orientação sexual, e como essas interseções influenciam as experiências e oportunidades dentro da Educação Física. A interseccionalidade desafia visões simplistas sobre as desigualdades sociais e propõe uma análise mais complexa e inclusiva. Zuaneti *et al.* (2022) ocuparam-se de descrever e analisar o impacto das relações de gênero, classe e raça na participação nas aulas de Educação Física no Brasil, a partir dos dados da PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar).

Diante do referido contexto, o objetivo deste texto é apresentar um panorama sobre a diversidade cultural no periódico *Corpoconsciência*, notadamente, a partir dos





marcadores emergentes na revista relacionados à gênero/sexualidade, raça/etnia e deficiência. Para o atendimento deste objetivo, estruturamos o texto a partir do seguinte: a) refletir sobre o corpo como efeito da cultura e a emergência da diversidade como marca dos corpos em seus atravessamentos socioculturais; b) identificar a produção acerca da diversidade no periódico Corpoconsciência, a partir dos artigos selecionados; e, por fim, c) aprofundar o diálogo sobre os marcadores sociais: gênero/sexualidade, raça/etnia e deficiência.

Para isso, a metodologia deste estudo consistiu em uma pesquisa realizada na plataforma online da revista Corpoconsciência, focada nos temas "diversidade", "gênero/sexualidade", "raça/etnia" e "deficiência". Os artigos relevantes foram identificados e organizados em pastas específicas para a análise. Cada resumo foi lido para verificar se o escopo dos objetivos estava alinhado com os temas de interesse. Posteriormente, foram criados quadros contendo o título, autoria e ano de publicação de cada artigo, de modo a facilitar a apreensão dos temas relacionados a essas temáticas e a fornecer uma proposição organizada para explorar a produção acadêmica relacionada à diversidade na educação física.

Esperamos, com as reflexões ora apresentadas, que possam contribuir para uma ação pedagógica e científica que dê conta das práticas e sujeitos, em suas múltiplas identidades e singularidades. Longe de ser uma proposição única, este texto é um convite para que provocações "outras" sejam inseridas diante do debate que atravessa a tematização da diversidade cultural na educação física.

EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADE: ATRAVESSAMENTOS CULTURAIS

As incursões no presente tópico atentam à problematização do corpo em sua construção cultural, com o intuito de visualizá-lo como possibilidade de tematização de tais elementos na educação física.

Moura e Lovisolo (2008), ao analisarem a ideia de cultura em produções acadêmicas, identificaram pontos relevantes para a educação física, embora a abordagem não seja uniforme. Eles observaram que a intervenção da educação física brasileira se vincula ao termo cultura sob duas perspectivas principais: "[...] a primeira amplamente reconhecida nas propostas do coletivo de autores, e a segunda associada à produção de Jocimar Daolio" (Moura; Lovisolo, 2008, p. 38). Essas produções epistemológicas foram fundamentadas, respectivamente, no materialismo histórico e dialético e na antropologia social, refletindo a multirreferencialidade mencionada por Lopes (2013).





A obra "Metodologia de ensino de educação física", escrita por um coletivo de autores em 1992, é destacada por Daolio (2010) como uma das mais influentes na educação física durante a década de 1990, com impactos percebidos até hoje. Daolio (2010) elogia a abordagem crítico-superadora, introduzida pelo coletivo, que estabelece a cultura corporal como objeto de estudo da educação física. Essa abordagem reconhece que a materialidade corpórea é historicamente construída, formando um repertório de movimentos que, sendo patrimônio da humanidade, deve ser transmitido. O conceito de cultura, na obra, enfatiza questões materiais como resultado do trabalho humano, especialmente relacionadas à classe social. Nesse contexto, a educação física escolar tem a função de promover a reflexão sobre o repertório de movimentos da cultura corporal e "[...] contribuir para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares" (Castellani Filho *et al.*, 2009, p. 41). Isso implica negar valores como individualismo, competição, dominação e submissão, substituindo-os por solidariedade, cooperação, liberdade de movimentos e emancipação, baseados no materialismo histórico e dialético como uma contraposição à sociedade de classes e à transformação social.

Neira e Gramorelli (2017) afirmam que o termo 'cultura', associado à educação física, surgiu em um contexto de abertura política e foi decisivo para a mudança paradigmática no ensino da educação física, a partir da década de 1980. Desde então, a cultura passou a ocupar uma posição epistemológica na área, agregando outros termos que demarcam posições teóricas, como 'cultura corporal' e 'cultura física'. Embora enfraquecida pelo discurso neoliberal dos anos 1990, a noção de cultura corporal foi revitalizada no século XXI pelas teorias críticas da educação. A partir de então, a expressão 'cultura corporal' tornou-se comum na literatura específica da educação física, com especial destaque para o campo pedagógico.

Com a criação da expressão 'cultura corporal' em 1992, a educação física e seus conhecimentos passaram por uma tentativa de reformulação, abrangendo a dimensão cultural do corpo e do movimento. Castellani Filho *et al.* (1992) afirmam que as manifestações corporais, como esporte, jogo, luta, ginástica e dança, são concebidas dentro da cultura e refletem as formas de movimento humano, sistematizadas criticamente na escola, permitindo uma reflexão sobre suas contradições sociais e possibilitando compreendê-las cientificamente, filosoficamente e artisticamente, destacando sua relevância na prática social dos estudantes. Esse entendimento contraria a visão evolucionista da cultura presente no período iluminista até o século XIX, que classificava os povos como 'mais' ou 'menos' desenvolvidos e associava cultura à civilização (Alves, 2010). Somente no século XX, com o desenvolvimento das técnicas





da antropologia social e a experiência dos antropólogos com diferentes grupos, a cultura passou a ser vista como uma produção simbólica e material, apreendida em suas diferenças de acordo com os contextos sociais (Daolio, 1995).

A adoção do conceito de cultura corporal pela educação física, segundo Neira e Gramorelli (2017), ocorreu sob a influência das teorias críticas, em um contexto de abertura democrática e luta pela modificação do papel da escola. Incorporar o conceito de cultura corporal expressava uma visão alternativa do componente, mostrando que outros conteúdos, além dos movimentos técnicos, estavam presentes nas aulas, voltados à melhoria da aptidão física. Com o suporte das teorias críticas, a educação física passou a situar as práticas corporais dentro dos contextos sociais, onde os signos de classe social surgem e são reinterpretados. A disseminação da expressão 'cultura corporal' ajudou a desnaturalizar o ensino da educação física, permitindo a visualização das dimensões sócio-históricas do movimento humano e superando as concepções apolíticas predominantes na educação física escolar (Neira; Gramorelli, 2017, p. 4).

Com os avanços na década de 1980 na incorporação do conceito de cultura, as contribuições desse termo na educação física foram ampliadas pelo diálogo com a antropologia. Daolio (1995) destaca a importância da análise crítica dos aspectos determinantes das ações humanas em sociedade, atribuindo significados e sentidos às ações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento. A partir da década de 1980, o predomínio biológico na educação física foi questionado, enfatizando a questão sociocultural. Lopes (2013) acredita que Daolio inaugurou a tematização da cultura na educação física brasileira e direcionou sua produção intelectual para essa temática, destacando a obra "Educação física e o conceito de cultura" (Daolio, 2010), onde conceitos de corpo, educação, cultura, trabalho docente e comportamentos são recorrentes como fontes de sentidos e significados.

A reflexão proposta neste texto sobre a cultura e a preocupação com o corpo busca apoio nas contribuições do antropólogo francês Marcel Mauss (1872-1950), que abordou a noção de "técnicas corporais" no início do século XX. Mauss (2003) reconhece as técnicas do corpo como manifestações culturais, promovendo a discussão sobre o corpo e o gesto, a partir de experiências empíricas que visualizaram a diversidade de gestos em diferentes sociedades. Ele investigou como os movimentos humanos estavam diretamente relacionados às sociedades em que as pessoas estavam inseridas. A compreensão das técnicas corporais, segundo Mauss (2003, p. 401), reside nas "[...] maneiras pelas quais os homens, de sociedade





a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se do seu corpo”. Ele entende a técnica como um ato eficaz e, por isso, tradicional, o que confere sua transmissão de modo cultural, diferenciando-se conforme as necessidades de cada sociedade. Dentre as técnicas corporais discutidas por Mauss (2003) estão formas de correr, dormir, nadar, praticar sexo, dançar, relacionadas ao nascimento, infância, alimentação, sono e cuidados corporais, todas entendidas em seu contexto social.

Ao destacar as técnicas corporais, Mauss atenta-se às influências na aquisição do movimento, percebendo que essa aprendizagem decorre do constante aprendizado presente nas culturas, na forma como significam o corpo e os gestos nelas produzidos. A partir das contribuições de Mauss (2003), passa-se a uma leitura desnaturalizada das formas de expressão humana na sociedade, o que impulsiona a análise de diferentes movimentos sociais. Segundo Daolio (1995), as contribuições de Mauss são valiosas para a educação física, especialmente na análise crítica das técnicas de movimento. A análise antropológica tornou-se decisiva para compreender as manifestações corporais como textos culturais, passíveis de múltiplas leituras, dependendo dos significados atribuídos a elas (Neira; Gramorelli, 2017). No entanto, os autores apontam fragilidades nessa teoria, como o foco exclusivo no etnocentrismo sem considerar as relações de poder que atravessam a produção e leitura de textos culturais (Neira; Gramorelli, 2017).

No final da década de 1990, a expressão ‘cultura corporal’ recebeu novas roupagens teórico-metodológicas, sendo utilizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997 e 1998, contribuindo para uma visão instrumental e funcionalista da educação física (Neira; Gramorelli, 2017). Recentemente, Neira e Nunes (2008; 2009) apresentaram uma proposta de tematização da cultura na educação física, embasada pelas teorias pós-críticas e estudos culturais, chamada ‘educação física cultural’. Essa perspectiva amplia as análises das teorias críticas, questionando as grandes narrativas, o sujeito autônomo do projeto moderno e os processos de dominação e poder baseados exclusivamente nas divisões de classe (Neira; Gramorelli, 2017, p. 325).

Essa perspectiva vê a cultura como uma produção histórica e um campo de lutas sociais. A escola, neste contexto, tem a função de reconhecer, valorizar e socializar as produções culturais. A educação física cultural promove o conhecimento dos sistemas de significados de cada cultura por meio das manifestações corporais (Neira, 2009, p. 42). O diálogo com os referenciais pós-modernos permite novas formas de constituição da





experiência pedagógica, valorizando os saberes do 'senso comum' ou da cultura popular e reconhecendo as múltiplas identidades presentes na sociedade (Neira; Gramorelli, 2017).

Se as teorias críticas permitiram refletir sobre o papel escolar da educação física, as teorias pós-críticas ampliam essa reflexão para as relações de poder centradas na raça/etnia, gênero e sexualidade (Silva, 2011). Os Estudos Culturais emergem como um campo investigativo na educação física brasileira, focando questões de subjetividade e identidade (Escosteguy, 2010), sendo a educação física escolar vista como um campo de lutas, por reconhecimento de significados e identidades, legitimando alguns conhecimentos em detrimento de outros (Silva, 2011). A abordagem cultural da educação física visa proporcionar comunicação por meio do conhecimento dos estudantes, considerando a diversidade de práticas corporais e os artefatos culturais como fenômenos em um campo de luta por significados e identidades (Neira; Nunes, 2008).

Em resumo, a concepção de cultura produzida a partir de reflexões do materialismo dialético e as teorias críticas é enriquecida com noções de discurso e identidade, compreendendo a cultura como um campo de lutas atravessado por relações de poder (Neira; Nunes, 2008). As práticas corporais são vistas como textos culturais, com significados resultantes dos embates sociais e a expressão 'cultura corporal' ajuda a desnaturalizar o ensino da educação física, destacando as dimensões sócio-históricas do movimento humano (Neira; Gramorelli, 2017). Por fim, uma educação física baseada nas teorias pós-críticas promove o diálogo entre diversas perspectivas sociais e culturais, permitindo a compreensão de como o corpo e o movimento humano se configuram na sociedade (Neira; Gramorelli, 2017).

Nessa perspectiva, a diversidade cultural emerge como marca do corpo e do movimento como elemento para se compreender a educação física numa perspectiva que problematize a diferença a partir das relações de poder que atravessam gênero, sexualidade, raça/etnia, deficiência, classe social e outros. Como forma de exemplificar essa mudança de paradigma na educação física, a seguir, faremos uma análise de como os debates sobre diversidade aparecem na revista Corpoconsciência.

O TEMA DA DIVERSIDADE NA REVISTA CORPOCONSCIÊNCIA

A partir da busca no periódico, foram encontrados 13 artigos na revista Corpoconsciência, os quais abordam o tema da diversidade na educação física sob diferentes perspectivas. Esses textos exploram a complexidade das experiências humanas, considerando





aspectos das diferenças sociais e culturais. Logo, este tópico destaca, no quadro abaixo, a partir do título, da autoria e do ano de publicação, os textos encontrados:

Quadro 1 – “Diversidade” na revista *Corpoconsciência*

N.	Título	Autoria	Ano
1	Ensino, vivência e aprendizagem do futebol/futsal: emergência de uma prática pedagógica dialógica e consciente	Mariana Zuaneti Martins, Osmar Moreira de Souza Júnior, Riller Silva Reverdito	2023
2	Educação física escolar na rede federal em tempos pós-pandêmicos e de reformas neoliberais	Daniel Teixeira Maldonado, Larissa Beraldo Kawashima	2022
3	Educação física escolar, corpo e saúde: problematizações a partir das ciências humanas	Daniel Teixeira Maldonado	2022
4	Possibilidades de discussão sobre os processos de inclusão/exclusão das universidades federais da região sul em foco	Beatriz Mendes Roberta Gomes, Michele Pereira de Souza da Fonseca	2021
5	O lazer como fenômeno cultural e suas relações com alguns marcadores sociais	Cinthia Lopes da Silva, Ana Carolina Capellini Rigoni, Luciene Ferreira da Silva	2021
6	Do ambiente de jogo à perspectiva rizomática: conjecturas para o ensino das lutas/artes marciais na educação física escolar	Álex Sousa Pereira, Fábio Pinto Gonçalves dos Reis, Kleber Tuxen Carneiro	2020
7	Ginástica para todos: educação, lazer e saúde na amazônia	Wellington da Costa Pinheiro, Lucília da Silva Matos	2020
8	A ginástica para todos como uma possibilidade de prática corporal no sistema único de saúde	Mariana Rotta Bonfim <i>et al.</i>	2020
9	Prática pedagógica da educação física no ensino médio: a perspectiva dos estudantes do Instituto Federal de São Paulo	Ana Clara de Souza Siqueira, Valdilene Aline Nogueira, Daniel Teixeira Maldonado	2019
10	Análise de fatores que dificultam a prática pedagógica dos professores de educação física nas escolas da rede municipal de São Paulo	Daniel Teixeira Maldonado, Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva	2019
11	A produção de documentários nas aulas de educação física escolar: a utilização de tecnologias para a ampliação do pensamento crítico de alunos e alunas no ensino médio	Daniel Teixeira Maldonado <i>et al.</i>	2018
12	Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno	Larissa Rafaela Galatti <i>et al.</i>	2018
13	“Artistando” o currículo cultural da educação física	Marcos Garcia Neira	2016

Fonte: construção dos autores.





Os artigos socioculturais encontrados na revista *Corpoconsciência* ilustram uma variedade de abordagens, que enfatizam a importância da diversidade cultural na educação física. A maioria deles tem como eixo de análise e discussão a educação física escolar, por meio de temas como: processos educativos no futebol que contemplem meninas e a diversidade de corpos rejeitados pela matriz hegemônica (em maioria, mulheres e pessoas LGBTQIA+, educação física escolar pós-pandemia e reformas neoliberais, problematização de temas relacionados com o corpo e a saúde para além dos determinantes biológicos, mapeamento dos currículos dos cursos de Licenciatura em Educação Física nas Universidades Federais da região sul do Brasil tendo como eixo a inclusão/exclusão, análise de documentos produzidos pelos/as alunos/as durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio identificando conteúdos relacionados com as práticas corporais (racismo, machismo, homofobia, religião, inclusão social, entre outros), fatores que dificultam a ação didática do professor de educação física (respeito à diversidade cultural é um deles), produção de documentários sobre esporte por alunos/as nas aulas de educação física escolar (temas que aparecem: religião, racismo, machismo, homofobia, entre outros), ensino-aprendizagem das lutas/artes marciais no interior das aulas de Educação Física escolar, e, por fim, sobre o currículo cultural enquanto modo de valorização da diversidade e questionando a construção da diferença.

De forma mais ampla, temáticas que envolvem o lazer como um fenômeno cultural sendo determinado por alguns marcadores sociais, tais como: escolaridade, gênero, religião, deficiência e saúde, Ginástica para Todos objetivando uma formação humana e cultural na Amazônia, Ginástica para Todos no Sistema Único de Saúde, e, também os significados e pluralidade do esporte contemporâneo, formam parte dos artigos que não envolvem diretamente a educação física escolar, mas teorizam a partir do multiculturalismo.

Esses estudos reforçam a visão de que a diversidade cultural na educação física deve ser compreendida a partir de uma análise das relações de poder que atravessam gênero, raça, etnia, deficiência e classe social (e, em alguns casos, religião). A partir de perspectivas críticas, os textos parecem acenar para a identificação de diferentes identidades culturais e propõe reflexões sobre as contradições sociais presentes nessas práticas. As metodologias utilizadas são, em maioria, qualitativas e inovadoras, buscando proposições práticas para as problemáticas que envolvem a diversidade cultural.

A partir dessa análise crítica da literatura percebemos que, embora haja uma produção significativa de conhecimento que aborda a diversidade cultural, a partir de





dimensões sociais, o conceito ainda é frequentemente abordado em textos da área biológica. Esta dualidade na abordagem do tema suscita algumas reflexões. Essa ênfase nos aspectos biológicos, como desempenho físico e respostas fisiológicas, pode ser vista como um resquício de um paradigma que historicamente dominou a área (Bracht, 1999). Embora esses estudos sejam importantes para entender as capacidades físicas dos/as estudantes, eles frequentemente não integram a compreensão dessas capacidades dentro de um contexto cultural mais amplo. A abordagem biológica tende a naturalizar as diferenças corporais sem problematizá-las no contexto das influências socioculturais. Em suma, a literatura sobre diversidade cultural na educação física ainda apresenta uma dualidade entre abordagens socioculturais e biológicas. Enquanto os estudos socioculturais avançam na compreensão crítica das práticas corporais, os estudos biológicos mantêm uma perspectiva tradicional que pode limitar a plena compreensão da diversidade cultural.

Entretanto, a multiplicidade de temáticas encontradas a partir desses artigos, nos aponta um bom caminho para a educação física brasileira em direção ao encontro das culturas corporais, construção de identidades e diferenças e territórios de questionamento acerca da discriminação e preconceitos étnicos, de gênero, orientação sexual, habilidade ou padrão corporal, entre outros (Neira, 2016), reafirmando o que a teoria pós-crítica, a partir da noção de currículo cultural, nos traz. Segundo o estudo de Canen e Oliveira (2002, p. 61) o currículo cultural “valoriza a diversidade e questiona a própria construção das diferenças e, por conseguinte, dos estereótipos e preconceitos contra aqueles percebidos como ‘diferentes’ no seio de sociedades desiguais e excludentes”, entendendo a escola como espaço multicultural de formação.

Considerando o exposto acima, o currículo cultural é uma abordagem pedagógica que reconhece e valoriza a diversidade cultural, promovendo a inclusão de diferentes perspectivas e experiências no processo educativo. Neste sentido, alguns marcadores de identidades e diferenças ganham ênfase já que se tornam territórios de questionamento acerca de diferentes dimensões incluindo gênero/sexualidade, raça/etnia e deficiência.

SOBRE OS MARCADORES SOCIAIS NA REVISTA CORPOCONSCIÊNCIA: GÊNERO/SEXUALIDADE, RAÇA/ETNIA E DEFICIÊNCIA

A revista Corpoconsciência tem se consolidado como um espaço relevante para a discussão de temas cruciais na Educação Física, refletindo a complexidade e a diversidade da





sociedade contemporânea. Entre esses temas, destacam-se os marcadores sociais de gênero/sexualidade, raça/etnia e deficiência, que permeiam o corpo e as práticas corporais. Assim, este tópico visa analisar como esses marcadores são abordados na revista, evidenciando o modo como a produção de conhecimento disseminada no referido periódico se instaura como possibilidade para materializar uma educação física baseada na visualização das hierárquicas sociais que produzem desigualdade e, por consequência, injustiças sociais.

Dentre o primeiro tema, iniciamos com a produção acerca do “gênero e sexualidade”, conforme apresentação no quadro abaixo, a partir do título, da autoria e do ano de publicação, dos 26 textos encontrados:

Quadro 2 – “Gênero” e “Sexualidade” na revista Corpoconsciência

GÊNERO/SEXUALIDADE			
N.	Título	Autoria	Ano
1	“Eu achei a aula de educação física mais proveitosa, porque da outra vez eu não participei” relações de gênero no planejamento participativo em duas escolas públicas no Ceará	Luis Fernando Muniz Gomes <i>et al.</i>	2024
2	Hipismo e equidade de gênero uma visão sobre a participação de mulheres na modalidade salto do hipismo no Paraná	Daniela Isabel Kuhn, Débora Maziviero Praisler	2024
3	Nível de (in)satisfação com a imagem corporal de estudantes de cursos superiores do IFPB – Campus Sousa	Layanne Braga Canuto <i>et al.</i>	2024
4	Sensibilidade à igualdade de gênero no futebol perspectivas de estudantes do ensino fundamental e médio	Cauê dos Santos Agostini <i>et al.</i>	2024
5	Mulheres e esporte: rotas investigativas, éticas e políticas	Silvana Vilodre Goellner, Mariana Zuaneti Martins	2024
6	Aspectos psicossociais de jovens atletas de rugby feminino: relação entre experiências e ansiedade competitiva	Camila Borges Müller <i>et al.</i>	2024
7	Esporte universitário feminino: motivos para a prática esportiva de rendimento	Maria Angélica Alves Morais <i>et al.</i>	2024
8	A participação de mulheres como treinadoras de esportes coletivos nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020	Tathiane Krahenbühl <i>et al.</i>	2024
9	Os primeiros passos do tênis de mesa feminino na cidade do Rio de Janeiro (1902-1949)	Gustavo Kenzo Yokota	2024
10	Sozinhas no pico? Suportes e barreiras para o surfe praticado por mulheres	Paula Cristina da Costa Silva, Ananda Carvalho Cola, Mariana Zuaneti Martins	2024
11	Pedagogia feminista e antirracista: notas sobre práticas esportivas e o empoderamento da juventude na favela	Mariana Cristina Borges Novais <i>et al.</i>	2024



12	Decolonialidade e esporte: mulheres negras na linha de chegada!	Paula Viviane Chiés	2024
13	A relatividade do tempo no surfe: um estudo exploratório sobre diferenças psicossociais entre homens e mulheres	Thalita Amaral Mattiuzzi, Raquel Nogueira da Cruz, Erick Francisco Quintas Conde	2024
14	Futebol de mulheres! É preciso entrar em campo, driblar as desigualdades e golear opressões	Aline da Silva Nicolino, Valléria Araújo de Oliveira, Milena Louise Rodrigues Rosa	2024
15	Perfil sociodemográfico e de motivação de atletas mulheres de alto rendimento na modalidade atletismo em mato grosso	Daniel Morais Teodoro, Neuza Cristina Gomes da Costa, Ana Paula da Silva Azevedo	2024
16	A mulher treinadora só ganha o respeito quando prova que é boa: narrativas do presente e perspectivas de futuro	Marília Baldoino dos Santos, Lilian Aparecida Ferreira	2024
17	O que leva as mulheres a não seguir na carreira como atletas de basquetebol?	Ana Carolina Urizzi Bartira Pereira Palma, Yura Yuka Sato dos Santos, Larissa Rafaela Galatti	2024
18	Narrativas das mulheres do judô veterano no estado do Rio de Janeiro	Gabriela Conceição de Souza, Felipe da Silva Triani, Silvio de Cássio Costa Telles	2024
19	Corpo, masculinidades e cultura física: mapeamento inicial de pesquisas nos estudos culturais físicos	Vitor Kauê Santos Pereira Filho, Eduarda Carolina Irber, Vitor Hugo Marani	2023
20	A iniciação ao futsal de mulheres adultas: construindo coletivamente um espaço seguro para a aprendizagem	Mariana Zuaneti Martins, Bruna Saurin Silva, Maria Paula Louzada Mion	2023
21	Futebol feminino, escola e cultura: possíveis impactos das aulas de educação física na perspectiva das atletas	Raphaela Pimenta Peres Ribeiro <i>et al.</i>	2023
22	Gênero e educação física escolar: reflexões a partir da aplicação do modelo do <i>sport education</i>	Aluizio Henrique Rocha Pires <i>et al.</i>	2022
23	Educação física no ensino médio: memórias de alunos e alunas do Instituto Federal de São Paulo (IFSP)	Victória Marzano Jacintho Ramos Ferreira, Daniel Teixeira Maldonado	2020
24	As percepções sobre violência de gênero segundo as árbitras dos jogos escolares da juventude em Mato Grosso	Viviane Teixeira Silveira <i>et al.</i>	2019
25	Representações e identidades de gênero: "ser mulher" no campo de futebol	Valleria Araujo de Oliveira, Dulce Maria Filgueira de Almeida	2018
26	O brincar na construção da identidade de gênero de crianças internadas em um hospital de alta complexidade	Beatriz Paulo Biedrzycki, Silvana Vilodre Goellner	2017

Fonte: construção dos autores.

Os temas recorrentemente abordados nos estudos listados focam principalmente na equidade de gênero nos esportes, aspectos psicológicos de atletas femininas e as implicações sociais e culturais do gênero na educação física. Há uma ênfase significativa na





exploração das experiências das mulheres em várias disciplinas esportivas, examinando tanto as barreiras quanto os suportes que encontram, a exemplo de análises empíricas no hipismo, no *rugby*, no futebol/futsal, no surfe, no atletismo, no basquetebol, no judô e nos jogos escolares. Além disso, os temas se estendem ao contexto educacional, em que o impacto de pedagogias e currículos sensíveis ao gênero são analisados, a partir de estratégias interseccionais, como os estudos de Chiés (2024) e Novais *et al.* (2024). Em suma, os textos concentram-se em análises a partir da categoria "mulheres", refletindo acerca de experiências múltiplas e plurais que emergem de contextos esportivos e corporais particulares para o entendimento de como tais corpos reafirmam e, potencialmente, desafiam estruturas de poder social, mostrando tanto convergência quanto divergência em focos e metodologias para tal.

O quadro, composto por 26 artigos, também revela uma concentração notável de publicações em 2024, dado que 18 manuscritos foram disseminados no referido ano, o que reflete o interesse do periódico em contribuir com a produção dos estudos de gênero na área. Importa destacar que os estudos de gênero passaram a integrar a área durante a década de 1980 e 1990, a partir de trabalhos como o de Eustaquia Salvadora de Sousa (Sousa, 1994), Silvana Vilodre Goellner (Goellner, 1999), entre outros que, segundo Devide *et al.* (2011), alinharam-se ao dinamismo político e ao feminismo das décadas de 1970 e 1980, representando rejeição aos argumentos biológicos que, historicamente, serviram como base para a marginalização das mulheres na Educação Física e nos esportes (Devide *et al.*, 2011). Desse panorama, é possível atentar-se que a produção no periódico acerca da tematização de gênero emerge quase ao final da década de 2010, demonstrando um descompasso entre a produção de conhecimento da Educação Física mais ampla.

Entretanto, ressaltamos a importância do movimento contemporâneo do periódico Corpoconsciência em reconhecer a tematização de gênero na Educação Física brasileira, por meio de ações concretas, como por exemplo a organização de Sessões Temáticas. Entendemos que esse movimento explica o aumento significativo de estudos de gênero na revista no ano de 2024, em decorrência da Sessão Temática "Mulheres e Esporte", coordenada pelas Professoras Silvana Vilodre Goellner e Mariana Zuaneti Martins, no volume 28 da revista. A proeminência desses estudos em 2024 alinha-se com a chamada focada da revista para trabalhos, que buscava especificamente pesquisas originais que explorassem a presença de mulheres no esporte em uma variedade de contextos. O programa da Sessão Temática era abrangente, cobrindo várias áreas críticas da participação feminina nos esportes: gestão e





liderança, iniciação esportiva, alto rendimento, participação e lazer, escolar e extracurricular, e interseções com saúde e educação. Este escopo amplo incentivou uma ampla gama de submissões, refletindo as diversas experiências e desafios que as mulheres enfrentam no mundo do esporte (Goellner; Martins, 2024).

O chamado temático, provavelmente, estimulou a submissão de muitos estudos, resultando no número concentrado de publicações em 2024. Isso não apenas destaca o interesse da comunidade acadêmica nessas questões, mas sublinha o papel dos fóruns acadêmicos direcionados no avanço da pesquisa e discussão em torno de temas específicos como o gênero nos esportes. Em conclusão, a análise destaca um envolvimento acadêmico vibrante e atual com os estudos de gênero no campo da educação física e dos esportes. Temas recorrentes, autoras/es e o aumento nas publicações sugerem um discurso ativo que aborda tanto questões de longa data quanto emergentes sobre gênero nos contextos esportivos e educacionais, reiterando produções recentes a exemplo de França *et al.* (2023) e Devidé (2020).

No que diz respeito à tematização do marcador social da “deficiência”, nos reportamos a produção do quadro abaixo, seguindo a exposição do manuscrito, de sua autoria e do seu ano de publicação na revista Corpoconsciência, dada a identificação de 7 textos:

Quadro 3 – “Deficiência” na revista Corpoconsciência

DEFICIÊNCIA			
N.	Título	Autoria	Ano
1	Como treinadores de esportes para pessoas com deficiência monitoram a carga de treinamento?	Mário Antônio de Moura Simim <i>et al.</i>	2023
2	Esporte paralímpico: uma estratégia metodológica de inclusão através do programa residência pedagógica na educação física escolar	Pedro André da Silva Lins, Luan Gonçalves Jucá, Tereza Luiza de França	2023
3	Sessões de treinamento técnico-tático não impactam na resposta neuromuscular de membros inferiores de jogadores de futebol de cegos	Francisco Tiago Alves Agapito, Mário Antônio de Moura Simim	2023
4	Decorências da pandemia de covid-19 à prática esportiva de pessoas com deficiência em Boa Vista (RR)	Vânia Dulya Beckman Sousa <i>et al.</i>	2022
5	Lutas para as pessoas com deficiência: uma possibilidade de intervenção na educação física	Marcelo Moreira Antunes <i>et al.</i>	2017
6	A inclusão do aluno com deficiência visual nas atividades circenses sob a perspectiva dos profissionais da área	Bianca Arantes Martins Yogui, Eliana de Toledo, Marco Antonio Coelho Bortoleto	2017
7	As políticas públicas para o esporte paralímpico no Brasil: apontamentos gerais	Rafael Estevam Reis, Fernando Marinho Mezzadri, Marcelo Moraes e Silva	2017

Fonte: construção dos autores.





A análise do quadro sobre estudos de deficiência nos esportes e na educação física produzidos na revista *Corpoconsciência* destaca como o tema é multifacetado e abordado sob diversas perspectivas. Os estudos abrangem aspectos variados das experiências de pessoas com deficiência na educação física, frequentemente analisados por meio dos esportes e da educação, com foco em temas como métodos de inclusão, o impacto do treinamento em atletas com deficiência e as consequências de mudanças sociais amplas, como a pandemia de COVID-19 na participação esportiva (Sousa *et al.*, 2022). Também é marcado o interesse nos esportes paralímpicos, com um olhar atento às estratégias de inclusão que se manifestam, por exemplo, em programas educacionais escolares (Lins; Jucá; França, 2023). Além disso, o papel das políticas públicas no apoio aos esportes paralímpicos é também explorado, evidenciando um comprometimento com a deficiência em um nível macro (Reis; Mezzadri; Moraes e Silva, 2017).

O quadro também revela uma diversidade de disciplinas esportivas e abordagens, que vão desde o futebol para pessoas com deficiência visual até lutas e atividades circenses. Essa amplitude de atividades mostra que diferentes esportes podem oferecer oportunidades para atletas com deficiências. Os estudos de Simim *et al.* (2023) e Agapito e Simim (2023) apresentam perspectivas biofisiológicas sobre o treinamento de atletas com deficiência. Essa abordagem, concentrando-se nas dimensões fisiológicas do treinamento, destaca a importância de entender as especificidades corporais para aprimorar o desempenho esportivo e a segurança dos atletas. Embora esses estudos se foquem nessas dimensões, eles não perdem valor por isso; pelo contrário, mostram a diversidade de abordagens possíveis no estudo da deficiência. No entanto, seria enriquecedor se pesquisas futuras pudessem integrar também as dimensões socioculturais que atravessam as relações entre educação física, esporte e pessoas com deficiência. Isso permitiria uma compreensão das complexas experiências dessas pessoas de modo a reconhecer as teias sociais, políticas, tecnológicas e culturais que compõem suas trajetórias.

Os estudos, que vão de 2017 a 2023 com um pico de publicações em 2023, indicam um crescente interesse acadêmico e social na área. O quadro sugere que o campo da deficiência nos esportes está envolvido ativamente com desafios práticos, educacionais e políticos, explorando como os esportes podem funcionar como plataformas de inclusão e adaptação para atender às necessidades únicas de atletas com deficiência. A intensificação das publicações em 2023 destaca o crescente engajamento com essas questões, refletindo um





compromisso robusto com as oportunidades e desafios apresentados pela tematização da “deficiência” nos esportes e na educação física.

Quanto à temática “étnico-racial” na revista *Corpoconsciência*, identificamos a produção de 6 estudos, conforme quadro a seguir:

Quadro 4 – “Etnia/raça” na revista *Corpoconsciência*

ÉTNICO-RACIAL			
N.	Título	Autoria	Ano
1	Pedagogia feminista e antirracista: notas sobre práticas esportivas e o empoderamento da juventude na favela	Mariana Cristina Borges Novais <i>et al.</i>	2024
2	Decolonialidade e esporte: mulheres negras na linha de chegada!	Paula Viviane Chiés	2024
3	Lutas corporais indígenas: um estudo com professores de educação física do município de Fortaleza – CE	Arlene Stephanie Menezes Pereira, Symon Tiago Brandão de Souza	2021
4	Danças indígenas na educação física escolar: elaboração de material didático em formato de aplicativo	Denise Guimarães, Fernanda Moreto Impolcetto	2021
5	Dança encantada e de resistência: (trans) significações corporais no torém dos índios tremembé	Arlene Stephanie Menezes Pereira, Daniel Pinto Gomes	2018
6	Cultura indígena: um novo olhar a partir das práticas esportivas e das brincadeiras tradicionais vivenciadas na escola	Rosana de Barros Gabriel	2010

Fonte: construção dos autores.

O quadro acima oferece panorama abrangente dos estudos raciais e étnicos dentro do contexto dos esportes e da educação física, apresentando uma variedade de trabalhos acadêmicos que destacam a intersecção entre saberes étnico-raciais, cultura e educação física. As produções abrangem mais de uma década, com início das produções em 2010 até o ano corrente, destacando um interesse acadêmico crescente em como os esportes podem servir como um meio para expressão cultural decorrentes das relações étnico-raciais.

Notamos uma predominância de estudos focados nos saberes indígenas e suas aplicações na educação física e esportes, com quatro dos seis artigos dedicados a esse tema. A presença marcante desses temas indica uma tendência acadêmica de valorizar e incorporar conhecimentos indígenas de forma a destacar a riqueza e a diversidade cultural dentro do campo esportivo e educacional. Em contraste, apenas um dos artigos aborda especificamente questões relacionadas a mulheres negras, destacando a interseccionalidade de raça e gênero e como essas dimensões influenciam o empoderamento por meio do esporte. A menor





quantidade de estudos focados em mulheres negras na revista *Corpoconsciência* pode refletir uma área de oportunidade para pesquisas futuras que abordem as intersecções de raça, gênero e esporte, contribuindo para um entendimento holístico e diversificado das experiências de todos os grupos marginalizados dentro do esporte e da educação física, como no caso das mulheres negras no esporte.

Os temas recorrentes nesses estudos focam principalmente na integração de práticas culturais aos esportes e à educação física, como o uso de danças indígenas e jogos tradicionais, e como estes podem servir a propósitos educacionais. Um tema significativo é o empoderamento de comunidades marginalizadas por meio dos esportes, como visto nos artigos "Pedagogia feminista e antirracista: notas sobre práticas esportivas e o empoderamento da juventude na favela" de Mariana Cristina Borges Novais *et al.* 2024, e "Decolonialidade e esporte: mulheres negras na linha de chegada!" de Paula Viviane Chiés em 2024. Esses estudos incorporam a interseccionalidade, combinando perspectivas raciais, de gênero e socioeconômicas para discutir o empoderamento da juventude e das mulheres negras por meio dos esportes, o que se alinha com discussões mais amplas sobre feminismo e antirracismo.

Os estudos estão distribuídos de 2010 a 2024, com uma concentração observável de publicações em 2021 e 2024. Em síntese, os estudos analisados enfatizam coletivamente o papel dos esportes e da educação física como arenas para expressão cultural e reconhecimento das diferenças sociais. Eles destacam o potencial desses campos para desafiar e transformar as narrativas tradicionais sobre raça e etnia, sugerindo que os esportes e a educação física também são 'acontecimentos' no sentido foucaultiano, para o entendimento das operações e dos efeitos do poder social que atravessam a experiência humana no que diz respeito às questões étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos explorar neste estudo a tematização da diversidade, bem como os marcadores sociais que emergem dessa discussão – gênero/sexualidade, raça/etnia e deficiência - em torno dos debates da educação física, notadamente, a partir da produção de conhecimento na revista *Corpoconsciência*. A investigação revelou uma abordagem progressiva do periódico, destacando-se pela inclusão de discussões complexas que desafiam as perspectivas tradicionais e biológicas no campo da educação física, notadamente, a partir





da sua passagem editorial para a Universidade Federal de Mato Grosso, em 2015. Entre os principais resultados, observou-se que a revista tem contribuído significativamente para ampliar as discussões sobre diversidade, oferecendo um espaço para estudos que exploram as interseções entre corpo, cultura e sociedade.

Os resultados indicaram que, em relação a gênero/sexualidade, a revista publicou 26 artigos, refletindo uma preocupação robusta com essas temáticas. Na categoria de raça/etnia, foram identificados 15 artigos, mostrando um engajamento significativo, mas ainda menor que o gênero/sexualidade. Por fim, a deficiência foi tema de 7 artigos, sugerindo uma área com potencial para mais pesquisas. Resulta de tais observações, a necessidade de expansão das abordagens qualitativas e interdisciplinares para uma análise holística dos temas tratados. Futuramente, espera-se que a revista continue a fortalecer essas discussões, incentivando ainda mais a produção científica que não apenas questiona, mas que também proponha novos caminhos para a tematização da diversidade – e dos marcadores sociais da diferença - na educação física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAPITO, Francisco Tiago Alves; SIMIM, Mário Antônio de Moura. Sessões de treinamento técnico-tático não impactam na resposta neuromuscular de membros inferiores de jogadores de futebol de cegos. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-12, 2023.

ALVES, Paulo César. Origens e constituição científica da cultura. In: ALVES, Paulo César. **Cultura: múltiplas leituras**. Bauru, SP/Salvador, BA: EDUSC/EDUFBA, 2010.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano Nascimento. Feminismos, interseccionalidades consubstancialidades na Educação Física escolar. **Revista estudos feministas**, v. 1, n. 26, p. 1-13, 2018.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

CAMARGO, Wagner Xavier. Sexualidades, esportes e Teoria Queer: inter-relações. **Revista estudos feministas**, v. 13, n. 3, p. 1130-1133, 2008.

CAMARGO, Wagner Xavier. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. 1-18, 2018.





CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes antropológicos**, v. 23, n. 47, p. 191-225, 2017.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, Ângela. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista brasileira de educação**, n. 21, p. 61-74, 2002.

CASTELLANI FILHO, Lino *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CHIÉS, Paula Viviane. Decolonialidade e esporte: mulheres negras na linha de chegada! **Corpoconsciência**, v. 28, p. 1-16, 2024.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

DEVIDE, Fabiano Pries. Estudos de gênero na educação física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDES, Pedro; LARA, Larissa (Orgs.). **Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE**. Volume 6. Gênero e sexualidade no esporte e na educação física. Natal, RN: EdUFRN, 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** 4. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

FRANÇA, Ábia Lima de *et al.* Temáticas emergentes no GTT Gênero: uma análise preliminar dos anais do Conbrace/Conice. In: MACEDO, Christiane Garcia *et al.* (Orgs.). **25 anos dos GTTs do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: trajetórias e perspectivas**. Uberlândia, MG: Navegando, 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. 1999. 180f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero, educação física e esportes. In: VOTRE, Sebastião (Org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí, RS: Unijuí, 2013.





GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, MG: EdUFMG, 2006.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

LINS, Pedro André da Silva; JUCÁ, Luan Gonçalves; FRANÇA, Tereza Luiza de. Esporte paralímpico: uma estratégia metodológica de inclusão através do programa residência pedagógica na educação física escolar. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-13, 2023.

LOPES, Beatriz Ruffo. **A cultura na produção de conhecimento da educação física brasileira: centralidade ou periferia?** 2013. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2013.

MARTINS, Aline Toffoli; NEIRA, Marcos Garcia. Interfaces entre o currículo cultural da educação física e o processo de inclusão. **Instrumento**, v. 16, n. 2, p. 167-174, 2014.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOURA, Diego Luz; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Antropologia, cultura e educação física escolar. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 29, n. 3, p. 137-153, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia "Artistando" o currículo cultural da educação física. **Corpoconsciência**, v. 20, n. 1, p. 80-93, 2016.

NEIRA, Marcos Garcia; GRAMORELLI, Lilian Cristina. Embates em torno do conceito de cultura corporal: gênese e transformações. **Pensar a prática**, v. 20, n. 2, 2017, p. 321-332.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari (Orgs.). **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari **Epistemologia e didática do currículo cultural da educação física**. São Paulo: FEUSP, 2022.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges *et al.* Pedagogia feminista e antirracista: notas sobre práticas esportivas e o empoderamento da juventude na favela. **Corpoconsciência**, v. 28, p. 1-15, 2024.





REIS, Rafael Estevam; MEZZADRI, Fernando Marinho; MORAES E SILVA, Marcelo. As políticas públicas para o esporte paralímpico no Brasil: apontamentos gerais. **Corpoconsciência**, v. 21, n. 1, p. 58-69, 2017.

SOUSA, Eustaquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninos à sombra!** História do ensino de educação física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. 288f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.

SOUSA, Vânia Dulya Beckman *et al.* Decorrências da pandemia de COVID-19 à prática esportiva de pessoas com deficiência em Boa Vista (RR). **Corpoconsciência**, v. 26, n. 3, p. 126-142, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

SIMIM, Mário Antônio de Moura *et al.* Como treinadores de esportes para pessoas com deficiência monitoram a carga de treinamento? **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-13, 2023.

ZUANETI, Mariana Martins; VASQUEZ, Vitor Lacerda; MION, Maria Paula Louzada. Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de educação física. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 27, p. 1-8, 2022.

Dados da primeira autora:

Email: viviane.silveira@unemat.br

Endereço: Rua dos Moura, 65, Jardim Celeste, Cáceres, MT, CEP: 78210594, Brasil.

Recebido em: 30/06/2024

Aprovado em: 24/07/2024

Como citar este artigo:

SILVEIRA, Viviane Teixeira; MARANI, Vitor Hugo. Educação física e diversidade na revista *Corpoconsciência*: apontamentos a partir de gênero, raça/etnia e deficiência. **Corpoconsciência**, v. 28, e17976, p. 1-23, 2024

